

Leitura Crítica de MÁRIO BARRETO: Através do Dicionário e da Gramática

Maria da Graça Ferreira Costa Val

1. INTRODUÇÃO

1.1. APRESENTAÇÃO

Este trabalho foi apresentado para avaliação final da disciplina **Fundamentos Etimológicos do Português**, do curso de Pós-Graduação em Letras (área de Língua Portuguesa) da FALE/UFMG, no primeiro semestre de 1982.

Trata-se de uma leitura crítica do livro de Mário Barreto intitulado **Através do Dicionário e da Gramática**, a qual se prende, sobretudo, ao que há nele de interesse para os estudos etimológicos.

Cabe observar, primeiramente, que a obra em questão não tem como objeto principal a Etimologia, mas, antes, consiste numa coletânea de artigos escritos em resposta a leitores da **Revista de Filologia Portuguesa**, de São Paulo, nos quais o conhecimento etimológico é trazido à luz na medida da curiosidade do consulente ou do sentimento do autor com relação a sua utilidade para o esclarecimento de dúvidas de natureza diversa.

Em segundo lugar, deve-se ressaltar que este não é, absolutamente, um estudo feito por especialista, de modo que não se emitirá, em momento algum, julgamento sobre a validade dos étimos apontados por Mário Barreto. Esta resenha ocupar-se-á apenas de compreender o «espírito» e a estrutura da obra e de arrolar os casos de etimologia, dividindo-os em grupos, conforme o problema que motivou a sua presença no livro.

1.2. O «ESPIRITO» DA OBRA

A linha de pensamento que orientou a feitura do livro e os objetivos que tinha em mente o autor com sua publicação estão claros nos dois prefácios incluídos no volume, dos quais transcrevemos, a seguir, trechos significativos.

Joaquim Ribeiro assina o prefácio «Esta Edição» (1953), onde louva o «equilíbrio olímpico» de Mário Barreto, que reúne «as excelências de vernaculista às qualidades expositivas de gramático e à erudição sedimentada de filólogo» (p. V).

Segundo Joaquim Ribeiro, a gramática, para Mário Barreto, era «técnica de seleção, um trabalho de separar, entre os fatos da linguagem, o joio do trigo». E o autor, «nesse mister, revelava incisiva argúcia no diferenciar o bom uso do uso popular, o fato da linguagem literária do fato do linguajar do povo, o certo do errado, o solecismo da boa construção, sabendo salientar tudo isso, sem engrimanço ou intenção rebarbativa» (p. VI).

Na «Nota Preambular» o próprio autor apresenta a si e a sua obra:

«... não arrefeço em trabalhar quanto em mim cabe para manter o meu humildíssimo posto entre os autores que velam pelos foros do nosso idioma e que se me afiguram necessários, e mais nesta época de turbulência geral em que a nossa bellissima língua é ultrajada sem piedade» (p. 7).

«Não a mestres, mas aos que não o são, talvez que a leitura do presente volume, em que agrupo vários escritos referentes a questões do idioma e saídos a lume na citada revista paulistana, possa ministrar alguns conhecimentos, senão necessários, ao menos curiosos. É possível que aqui encontrem as mil informações indispensáveis cada vez que se hesita a propósito de cem minúcias lexicográficas e gramaticais» (p. 8).

O livro compõe-se de 69 capítulos que constituem, como já foi visto, respostas a consulentes sobre questões concernentes a áreas diversas: sintaxe (concordância, regência, estrutura da oração e do período), morfologia, ortografia, lexicografia, semântica e etimologia.

2. A PRESENÇA DA ETIMOLOGIA NA OBRA

Em *Através do Dicionário e da Gramática* a etimologia aparece muito mais freqüentemente como meio do que como fim em si mesma. O autor dela se vale para solucionar problemas ortográficos, semânticos e vocabulares em geral. Há observações interessantes sobre questões de etimologia popular e a etimologia propriamente dita só figura no livro quando a pergunta do leitor se refere especificamente ao étimo de alguma palavra ou quando, em suas divagações, na resposta a um consulente, o autor considera esclarecedor apontar a origem histórica e a evolução de determinado vocábulo.

Veremos a seguir o que traz o livro em termos de etimologia, agrupando os vários casos de acordo com o «pretexto» sob o qual eles aparecem.

2.1. A ETIMOLOGIA APONTADA PARA ESCLARECER A GRAFIA

Na época em que foi escrito o livro era grande a discussão sobre o problema ortográfico. Havia grande vacilação quanto à grafia das palavras, dado que no Brasil não fora ainda adotada oficialmente a reforma simplificadora em vigor em Portugal desde 1911. Mário Barreto, inteligentemente, coloca-se contra a inútil complicação da grafia fundada em falsas etimologias e defende com ardor a simplificação ortográfica proposta por uma comissão de ilustres lingüistas portugueses, sob a orientação de Gonçalves Viana (1911).

Quanto à grafia dos empréstimos, é também bastante lúcida a posição de Mário Barreto:

«É mister que uma palavra portuguesa tenha forma portuguesa. Pouco importa que seja proveniente do grego, do alemão ou do turco». (p. 17).

Passamos agora a arrolar alguns casos de que trata o autor, na ordem em que aparecem no livro.

a) *Ânsia* (e não *ância*): port. *ânsia* < lat. *anxia*, fem. de *anxius*; de *angere* = 'apertar, estrangular, angustiar'.

«... a consoante **x**, cuja pronúncia era **cs**, sofreu, umas vezes, a influência da assimilação regressiva, como **dixi** (**cs = ss**) > **disse...**» (p. 10).

b) **Póstumo** (e não **pósthumo**): port. **póstumo** < lat. **postūmus** (de **post** = 'depois' + sufixo superlativo **-umus**).

Falsa etimologia: palavra latina como composto de **humus**, interpretada como **natus post inhumationem** (p. 10 e 11).

c) **Quiosque** (e não **kiosque**): port. **quiosque** < turco **kiosk**.

«Deve-se escrever **quiosque** se se quiser dar a esta palavra turca jeito português e aportuguesar-se-lhe a primeira sílaba assim como se aportuguesou a última...» (p. 16 e 17).

d) **Corola** (e não **corolla**): port. **corola** < lat. **corolla**, 'pequena coroa' < ***coronla** < ***coronola** < **coronula**, 'diminutivo de **corona**'.

Em latim, o grupo **-nl-** dá **-ll-**. A nasal **n** assimila-se à lateral **l**: **coronla** > **corolla**; **inlīctus** > **illicitus**; **conloquūm** > **colloquūm**.

Na passagem do latim para o português, o **l** simples medial caiu:

palu > **pau**;

palatiu > **paaço** > **paço**;

colore > **coor** > **cor**;

dolore > **door** > **dor**;

pelāgu > **peego** > **pego**.

O som que representamos por um só **l** corresponde a dois **ll** intervocálicos latinos. Assim, um único **l** no português atesta a presença de **l** dobrado no latim e a grafia **corolla** é, pois, «de todo em todo inútil» (p. 143).

e) **Divisão silábica**:

res-peito (e não **re-speito**);

des-crição (e não **de-scrição**);

ins-truir (e não **in-struir**);
obs-tar (e não **ob-star**);
cons-tante (e não **con-stante**).

Nas palavras compostas de preposição e de palavra latina que comece com s impuro, como

respeito < lat. re-spectus,
descrição < lat. de-scriptio,
instruir < lat. in-struere,
obstar < lat. ob-stare,
constante < lat. con-stantem,

exigem os preceitos da ortografia oficial portuguesa que se una o s à preposição e não à letra seguinte, como se fazia no latim. Obedece-se aqui não à etimologia, mas à realidade da pronúncia portuguesa, que une o s à sílaba precedente. Quando não há preposição, juntamos um e para o apoiar:

estado < status,
esperar < sperare,
escama < squama (p. 210).

f) **Honrar** (e não **onrrar**): **honrar** < lat. honorare (por síncope da pré-tônica).

O h inicial é etimológico e só se faz uso de rr duplo no interior de palavra e entre duas vogais (p. 212).

g) **Contrição** (e não **contrição**): vem do lat. contritus, part. de conterere (cum, instrumental e reforçativo, + terere, 'triturar, esmagar, trilhar, roer').

«... o latim nos ajuda a fixar mais facilmente o aspecto exterior de nossos vocábulos e a acautelar-nos contra escritas viciosas» (p. 254).

h) **Sobre a correta grafia dos homófonos:**

coser ('costurar') < lat. consuere,
cozer ('cozinhar') < lat. pop. cocere (p. 303).

2.2. A ETIMOLOGIA UTILIZADA PARA DECIDIR SOBRE A LEGITIMIDADE DE FORMAS VARIANTES

Nos itens 2.2, 2.3 e 2.4, poderemos perceber a mentalidade purista da época da publicação do livro, que se revela através do grande número de dúvidas levantadas pelos leitores sobre a legitimidade deste ou daquele vocábulo e da preocupação, dos consulentes e do autor, em distinguir o termo vernáculo do estrangeirismo. A esse respeito, deve-se louvar a posição lúcida de Mário Barreto, que se firma, por exemplo, a propósito de perguntas que lhe são dirigidas sobre as palavras *kilômetro* (sic) — item 2.3, alínea e — e *túnel* e *tonel* — item 2.4, alínea a.

a) **Odor/olor:** as duas formas são legítimas e atestam um fenómeno comum no latim — a substituição do *d* por *l*, ou sua alternância, em vocábulos provenientes, evidentemente, da mesma raiz:

port. *odor* < lat. *odor*, -oris

por. *olor*, da mesma raiz do lat. *olere* (p. 14-15).

b) **Confraria/confradia:** a forma correta é a primeira (port. *confraria* < fr. *confrérie*, de *confrère*). É pertinente a colocação do leitor de que a melhor forma seria *confradia*, já que se trata de derivado de *confrade*. Explica Mário Barreto que, não fosse a influência do francês, poderíamos ter, como no espanhol, *confradia* por dissimilação de *confradria*: *fratrem* > *frade* → *confradia* (p. 38).

c) **Ladrona/ladra:** a primeira forma é o feminino regular de *ladrão*, como *valentona* é de *valentão*. A segunda relaciona-se com o adjetivo *ladro* (p. 120).

ladrão < ant. *ladron* < lat. *latronem*.

d) **Tegúrio (forma popular)/tugúrio (forma literária):**

lat. *tugurium* > port. *tugúrio*

cognatos: lat.: *toga*, 'cobrir';

port.: *telha*, *tegumento*, (< *tégula*).

«A forma popular, em português, *tegúrio*, talvez se explique por dissimilação (u-u=e-u)...» (p. 148 e 149).

e) **Repertório/reportório**: a forma etimológica é **repertório**, do lat. **re-perire** (**re**, 'de novo' + **parire**=**parere**, 'produzir, achar, encontrar'). **Repertório** é do tema do part. **repertus** (p. 149).

f) **Paladim/paladino**: as duas formas são legítimas. Étimo: **paladino** < lat. **palatinus**, da família de **palatium**. «**Paladim** procede de **paladino**. O sufixo **-im** é, na sua origem, apócope de **-ino**, como se vê em **bailarino** e **bailarim**, **Bernardino** e **Bernardim**. Esta apócope ocorre mais nos substantivos do que nos adjetivos; assim: **latino**, adj., e **latim**, subst.» (p. 213 e 214).

g) **Exorcizar/exorcismar**: «corretíssima assim uma forma como a outra». **Exorcizar** < lat. **exorcizare**, forma latinizada a partir do gr. **exorkizo**. **Exorcismar** < **exorcismo** (p. 276).

2.3. A ETIMOLOGIA COMO INSTRUMENTO PARA ESCLARECER SOBRE A ORIGEM DE ESTRANGEIRISMOS E BARBARISMOS

a) Port. **decesso**, 'morte': não é galicismo, não vem do fr. **décès**. A palavra é vernácula e seu étimo é o lat. **decessus**, **-us**, 'partida, ida, retirada', usado na expressão **decessus de vita**, 'retirada da vida' (p. 124).

b) **Atitude**: barbarismo que toda a gente usa. Vem do italiano **attitudine**, através do francês (p. 250).

c) **Cometer** < **committere**. Com o sentido de 'confiar', «pode não ser de uso comum, mas é puro latinismo», usado por A.F. de Castilho e que «só para os profanos pode ser motivo de estranheza» (p. 267).

d) **Fretenir**. É questionada a versão feita pelo autor «duma página de Pierre Loti», em que traduziu **bruit** por **fretenir**. Defende-se Mário Barreto citando Cândido de Figueiredo e Castilho e apontando o étimo latino **fritinnire**, de origem onomatopaica, 'o cantar da andorinha ou da cigarra' (p. 269).

e) **Kilômetro**: barbarismo, a princípio, que, do mesmo modo que **kilograma**, entrou na linguagem corrente e hoje constitui termo correto. É palavra mal formada, «pela pouca habilidade com que se representou

o grego *chillol*, resultando 'medida dum asno' (metron kilos) em lugar de 'mil metros' e por se não ter tido em conta que o termo determinante deve ir no fim e o determinado no princípio...» (p. 315-316).

2.4. A ETIMOLOGIA PARA SOLUCIONAR PROBLEMAS SEMANTICOS

a) Túnel e tonel têm a mesma origem. Tonel nos veio do fr. arc. *tonnel*, que é também o étimo do ingl. *tunnel*, de onde nos veio túnel. O francês antigo *tonnel* «sofreu em Inglaterra um trabalho de apropriação que o torna capaz de designar a galeria subterrânea que se fabrica para dar passagem a uma via de comunicação. O tonel português e o *tonneau* francês não têm este poder. Por este exemplo se vê o quanto é vã a alegação de que é supérfluo o transplantar de uma língua a outra palavras forasteiras, quando se possui o necessário». (p. 62).

b) Escandir < lat. *scandere*, 'subir, escalar, trepar'. Daí, *escandir* = 'medir os pés de que constam os versos, seguindo-os de degrau em degrau'; 'medir os versos gregos e latinos dividindo-os em pés'. Por extensão, emprega-se também com o sentido de 'pronunciar destacadamente cada sílaba de uma palavra', como no exemplo da frase motivo da consulta do leitor: «Tes...ta...men...to! — repetiu ela escandindo as sílabas».

Da mesma família se tem: *scandla* > *scad'la* > *scala* > *escala*; *escalar*; *escalada*; *escada* < ant. *escaada*; *ascender*, *ascendente*, *ascensão*; *descender*; *transcender*, *transcendente*, *transcendental*; *condescender* («com mui curiosa extensão de sentido, 'descer com', 'abaixar-se de modo que se fique no mesmo nível com', 'ceder por complacência ao desejo de alguém'») — p. 88.

c) *Vezo* é variante de *vicio* < lat. *vitium*. O significado primitivo atenuou-se em *vezo*, 'hábito, uso, costume' (mas geralmente não de todo bom): «ter o vezo de pegar na colher com a mão esquerda», «ter o vezo de negar tudo». Do lat. *vitiare* > port. *vezar* ou *avezar*, que se usa também como reflexivo, = 'acostumar': «avezar-se a tudo» (p. 89).

d) *Claro* < lat. *calo*, -as, *calare*, *calare*; gr. *kalein*, 'chamar'. «Claro significou a princípio sonoro e depois, por figura, brilhante de luz. A idéia de som está, por exemplo, em *clarim*, derivado de *claro*» (p. 141).

e) **Agudo** < lat. *acutus*; gr. *oxys*. Há sinestesia quando, «por analogia com o tato, exprimem-se em grego e em latim as qualidades mais salientes do ouvido». *Oxys* e *acutus* tanto significavam 'pontia-gudo' como (som) agudo. Daí, **agudo** e **oxítono** (p. 142).

f) **Grave** < lat. *gravis*; gr. *barys*. A mesma duplicidade de sentido ocorre aqui: 'pesado' e '(som) grave'. Daí, **barítono** (p. 142).

g) **Torpedo**, 'peixe' e **torpedo**, 'máquina de guerra por meio da qual se provocam explosões submarinas' têm a mesma origem. O nome do peixe elétrico cujo contato faz **entorpecer** os membros vem do lat. **torpeo**, 'perder os sentidos', do qual **entorpecer** é incoativo. Por analogia, o nome estendeu-se a um grande projétil, carregado com matéria explosiva e que se lança por debaixo d'água. Daí, **torpedear**, **torpedeamento**, **torpedeiro** e **caça-torpedeiro** ou **contratorpedeiro** («que é a nossa palavra correspondente ao nome inglês **destroyer**»). O que houve nesse caso foi o fenômeno da bifurcação semântica de uma só palavra, **torpedo** (p. 145).

h) **Cou-raça** < **coiraça** < lat. *coriaceã*, de *corium* > **couro**. Originalmente, 'objeto de couro apto para defender o peito e as costas dos dardos inimigos'. Como a circunstância de servir para a defesa pessoal era a mais importante, em torno dela gravitou a palavra e, por mudança semântica, hoje se chama **cou-raça** aos blocos de aço com que se protegem os navios contra a artilharia, donde o derivado **cou-raçado** (**navio cou-raçado**) e os verbos **cou-raçar** e **encou-raçar**. Na frase que deu origem à consulta, a palavra foi usada em sentido figurado: 'estar **cou-raçado** contra a dor, contra os golpes da adversidade' (p. 183).

i) **Defunto** < lat. *defunctus*, de *defungor*: de, separativo + *fungi*, 'desempenhar (um cargo, uma tarefa, um dever)'. Do particípio *functus* vem **função**. «*Defunctus* aplica-se para se falar dum morto, *functus* ou *defunctus vita*. A expressão reduziu-se à nossa palavra **defunto**» (p. 195).

j) «Um processo para criar novos nomes, tão freqüente que já se pode dizer recurso ordinário e geral nas línguas, consiste em aplicar ao objeto novo um nome genérico e pôr-lhe um adjetivo que o determine: por exemplo **bilhete postal**. Se os dois grupos de palavras

se fundem facilmente, resultará uma nova palavra, como do latim vulgar *prima vera* se formou *primavera*. (...) Alguns são formados de palavras latinas, como *turbamulta*, ou tomados doutras línguas, como *bancarrota* < it. *bancarotta*, e também híbridos como *lápiz-lazúli* < lat. *lapis*, 'pedra' + árabe *lazurd*, 'azul'. Do contrário a idéia adere-se ao adjetivo, e o substantivo, sempre que o permitir a clareza, acaba por desaparecer». Foi assim que se processaram as reduções:

hibernum tempus > *hibernum* > inverno;
canem gallicum > *canem gallicum* > *gallicum* > galgo;
via strata > *strata* (= part. fem. de *sternere*) > estrada;
lux alba > *alba* > alva (p. 196).

l) Um consulente «leva a sua inofensiva petulância para com o príncipe dos épicos e líricos das Espanhas a afirmar que é um 'pleonasmismo que tresanda a tolice'» a expressão de CAMÕES *procelosa tempestade*, no canto IV, est. 1.

Responde Mário Barreto que tal uso se justifica pela intenção enfática, pois «com a sinonímia no substantivo e adjetivo o Poeta quis dar maior impressão dos horrores da tormenta», ou se explica porque a palavra está no sentido que lhe davam originalmente os latinos: *tempestas* (*tempus* + sufixo *-tas*, próprio de abstratos, como em *majestas* e *honestas*) significou 'momento do dia', depois 'estado atmosférico' em geral, bom ou mau tempo, e, em seguida, de modo especial, 'tempo mau, borrascoso'. O port. *tempestade* tomou esta última acepção, mas o sentido primitivo conservou-se nos adjetivos *tempestivo*, 'que acontece em devido tempo, oportuno', e *intempestivo*, 'inoportuno' (p. 217).

m) «O latim restitui às palavras a sua cor nativa e o seu poder evocador. Sob a significação abstrata faz com que reapareça a imagem primitiva, pois o povo nunca fala senão por figuras. Com o latim a angústia aperta-nos a garganta (*angit*); o remorso produz-nos o efeito duma mordedura (*re-mordet*). A mansuetude faz-nos pensar na carícia acostuada da mão (de *mansuetus*, 'manso', pp. de *mansuesco*, de *manus*, 'mão', e *suesco*, 'acostumar'); suspeitar recorda-nos o olhar desconfiado, por baixo (*suspectare*, freqüentativo de *susplicere*, composto de *sub* e *specere*, 'olhar')» — p. 254-255.

n) Lat. **alter**, 'outro' > **alterare** > **alterar**. Da mesma raiz vêm: **adulter** ('alterado, estragado, falso'; 'adúltero'); **adulterium** e **adulterare**.

Questão semântica: «Alterar significa apenas mudar em pior. Por que não significa mudar em melhor?».

Explica o autor que «de si **alterar** é 'mudar em outro, tornar outro, tornar diverso'. A idéia de dois parece prestar-se a significar coisa má. Em grego, à mesma raiz que **duo**, 'dois', pertence a partícula **dys**, que é prefixo pejorativo (**dispepsia**, **dispnéia**, etc.). A mesma raiz refere-se o lat. **dis**, que tem amiúde significação pejorativa (**displicere**, **diformis**, **difficilis**) e donde vem o português **des**: **destruir**, **desconcerto**, **desaprovar**» (p. 300).

Continua Mário Barreto, transcrevendo observações do professor português João da Silva Correia:

«Da idéia de dualidade passa-se facilmente à de ruindade ou vilania, visto como, de ordinário, coisa que se repete é porque está inicialmente mal feita; e pessoa anfíbia, que quer a um tempo estar bem com Deus e com o diabo — desserve a todos e não merece confiança. **Dúplice** tomou assim naturalmente significado desfavorável — equivalendo a **indigno**, sem caráter. Algumas palavras em que entra a partícula **bis**, que contém a idéia dual, sofreram o mesmo desenvolvimento pejorativo: é o caso de **vislumbre**, 'mostra indistinta ou aparência tênue', e cujo étimo está em **bis-lumíne**» (p. 301).

o) «Que se há - de fazer para evitarmos a confusão demasiado freqüente de certos parônimos: **conjuntura** e **conjectura**, **infectar** e **infestar**?».

A resposta é a etimologia:

conjuntura liga-se ao latim **jungere** e
conjectura a **jacere**;
infectar a **inficere** e
infestar a **infestus** (p. 303).

p) Lat. *mundus* > port. *undo*. No sentido literal, a palavra primitiva significa 'lavado, polido, asseado, ordenado'. Daí, 'ornado', e deste conceito brota o significado de 'criado', onde tudo é ordem e beleza. Na expressão latina *mundus mulieris* tem-se a palavra *mundus* designando os objetos destinados à limpeza, asseio e ornato da mulher. O sentido da palavra portuguesa, no valor de adjetivo (CAMÕES, cant. X, est. 85: «mundas almas») ou de substantivo, prende-se à aceção de 'criado com ordem e beleza'. E o contrário é imundo, imundície (p. 309-310).

q) «O latim serve às vezes para nos recordar certas verdades fundamentais:

— que o domingo deve ficar como o dia do Senhor: domingo < *dominicum diem*;

— que devemos amar a pátria, porque foi obra de nossos pais — *patria* < *patria Terra*;

— que o Estado não pode sustentar-se, de conformidade com sua etimologia, com elementos de turbulência e anarquia — *estado* < *status*, de *stare*;

— que o ministro deve considerar-se o servidor da nação — *ministro* < *minister*, do tema de *minor* + sufixo comparativo *-ter*, e por isso, 'subalterno, inferior':

— que a república é o interesse de todos, ao qual devem subordinar-se os interesses particulares — *república* < *rem publicam*» (p. 310).

r) Port. *pavilhão* < fr. popular *pavillon*/fr. culto *papillon* < lat. *papilio*, *-onis*, 'borboleta'. Houve mudanças semânticas, por metáfora, desde o latim. «Os soldados do Império romano chamaram *papilliones* às tendas de campanha, porque um acampamento, visto de longe, parece um campo coberto de brancas borboletas». O francês popular *pavillon* inicialmente designou uma barraca em forma de «*papillon*»; depois, a armação de um leito, sobrecéu com cortinados; desse sentido se chegou ao de 'estandarte, bandeira'. «Hoje *pavilhão* é palavra de múltiplos significados: tenda de campanha, baldaquino, bandeira, edifício, etc». (p. 311-312).

2.5. A ETIMOLOGIA PROPRIAMENTE DITA

a) Port. **calhau** < ant. **calho** + **-au** < **calclo** < **calcium** < lat. **calcūm**, 'pedrinha', diminutivo de **calx**, **calcis** (citação de Gonçalves Viana, p. 84).

b) Port. **florim** < it. **fiorino**, 'moeda de prata ou de ouro, assim chamada por levar no reverso uma flor-de-lis' (p. 214).

c) **Leonardo** < lat. **leon** + sufixo germânico **-hard**, 'forte como um leão' (p. 214).

d) Port. **petardo** < it. **petardo** ou fr. **pétard**. Étimo remoto: lat. **peditūm** + sufixo germânico **-hard**, 'forte', que se fixou nas línguas românicas como **-ardo**.

e) No **Dicionário Escolar Latino-Português** de Ernesto Faria, edição do MEC, encontramos a tradução de **peditūm**, **-i**: 'ventosidade'. Conhecendo-se as leis fonéticas — queda do **d** intervocálico, sonorização da dental surda **t**, apócope do **-m** final —, é fácil descobrir em que resultou a forma latina no português atual. Sobre ela assim se manifesta Mário Barreto: «(...) lat **peditūm** que não ponho aqui mais clara, visto que, por se considerar chula e suja, foi posta no índice (...)» — p. 214.

f) Port. **bombarda** < b. lat. **bombarda** < lat. **bombus** + sufixo germânico **-ardo** (p. 214).

g) **Espingarda** < ant. **espringarda** < ant. alto alemão **Springan** + **-hard** (mod. al. **espringen**) — p. 214.

h) **Mostarda** < lat. **mustum**, 'mosto' + sufixo germânico **-ardo**. Não há aqui, como quiseram ver alguns, um composto com a palavra **ardens**, 'ardente', segundo o autor (p. 214).

i) **Leopardo** < **leo**, 'leão', + **pardus**, 'pantera' (p. 214).

j) **Pardo**, adj.: étimo incerto. Para uns, port. **pardo** < lat. **pardus**, «'leopardo', pela cor do animal». Para outros a etimologia mais natural é: **pallidus** > **pal'do** > **pardo** (p. 214).

l) **Estandarte**: étimo incerto. Primeira hipótese: lat. **extendere**, 'estender as insígnias, as bandeiras' + variante francesa **-arte** do sufixo germânico **-hart/-hard**. Segunda hipótese: germ. **stand**, modalidade do verbo **stehen**, 'estar' + sufixo **-hart** (p. 214).

m) **Avisar** < latim vulgar **advīsare** < lat. cl. **ad** + **visus**, part. de **videre**, 'ver'. Sinônimo de **admonere**, 'fazer lembrar, relembrar; aconselhar, avisar, advertir'.

Segundo Du-Cange, o étimo poderia ser a partícula latina **ad** + ant. alto alemão **wissan**, 'mostrar, ensinar, instruir'. «A derivação alemã tem contra si um dos característicos fonéticos das palavras de origem germânica, isto é, a mudança de **w** em **gu**, que se observa, por exemplo, em **guerra**, **guisa** e **Guilherme**» (p. 234).

n) Port. **marfim** e esp. **marfil** < ár. **adm-alfil**, 'osso de elefante' (p. 259).

o) Lat. **ebur**, 'marfim' > lat. **eburneus** > port. **ebúrneo**, 'de marfim; alvo e/ou liso como o marfim' (p. 259).

p) **Serpente** < **serpentem**, de **serpens**, **-entis**, part. presente de **serpo**. De **serpente** formou-se **serpentear** (p. 278).

q) Port. **serpe**, 'serpente': segundo Sousa da Silveira, citado por Mário Barreto, «problema ainda falto de solução». Não pode ser **serpens**, nom. > **serpe**, porque não há lei que justifique a queda do **-ns** final. A hipótese de Sousa Silveira, ainda sujeita a confirmação, é que «**serpe** vem do acusativo **serpe(m)**, correspondente ao nominativo **serpes**, que era como em latim popular se pronunciava **serpens**. Esta explicação, sim, amolda-se aos princípios científicos da língua; pois é sabido que o **-m** final do acusativo não se pronunciava, e do grupo **-ns(-)** o **n** desaparecia, o que é abundantemente confirmado pelo testemunho formal dos gramáticos, que ensinavam, por ex., **ansa non asa (...)**. Ainda atestam essa evolução do grupo **ns** para **s** inúmeras palavras portuguesas, como:

mesa < mensa,
defesa < defensa,
mostrar < monstrare,
tosar < tonsare e
o sufixo -ês < -ense» (p. 278-279).

r) Rouxinol (var. roussinol e roussinhol) < lat. lusciniōla ou lusciniolus, dim. de luscīna. O l permuta-se em r por dissimilação e há «outras mudanças que a fonética explica» (p. 295).

s) Precoce < prae, 'antes' + tema de coquere, 'cozer, madurar'. O significado literal da palavra é, pois, 'imatur, prematuro' (p. 303).

t) A terminação -igar, que aparece em alguns verbos de formação erudita, contém a raiz de agere, 'fazer':

castigar < castigare;
fustigar < fustigare;
mitigar < mitigare;
litigar < litigare (p. 338).

u) Em alguns verbos portugueses terminados em -gar está presente o resultado das mudanças fonéticas que operaram no sufixo latino -icar (perda da vogal pretônica, posterior à sonorização da consoante surda):

folgar < follicare, de follis ('mover-se como um fole');
vingar < vindicare;
cavalgar < caballicare;
amargar < amaricare;
outorgar < autoricare;
comungar < communicare (comunicar é erudito) — p. 337.

v) Mascar < mast'car < masticare: «ao lado da desinência -gar, encontra-se -car, na qual o c não chegou a mudar-se em g». Em mascar houve assimilação à consoante áfona que precedia o c. O autor não faz nenhuma referência a mastigar (p. 337).

x) Outros verbos em -gar supõem a existência de infinitivos em -icare no latim vulgar:

tragar < l.v. **trahicare** < l.c. **trahere**
estragar < l.v. **extrahicare** < l.c. **extrahere**

sossegar < l.v. **subsedicare** < l.c. (sic!) **subsedare**, de **sub** + **sedare**, 'acalmar' (outra hipótese: **sossegar** < **sessicare**) — p. 338.

z) Há verbos em **-icar** em português cujo étimo remonta ao baixo latim:

fabricar < **fabricare**, de **fabrica**, de **faber**, 'o que trabalha, artífice'.
intoxicar < **intoxicare** (p. 337).

z') De adjetivos acabados em **-ificus** (de **facio**, 'eu faço'), como **pacificus** e **sanctificus**, formou o latim da decadência verbos em **-ificare**. Tal terminação, que contém, pois, a raiz de **facere**, foi transformada em sufixo formador de verbos causativos, na língua culta, e resultou no sufixo **-ificar** português. Assim:

pacificar < **pacificare**;
santificar < **sanctificare**.

Por influência do francês **codifier**, de **code**, temos **codificar**, e não **codicificar**, como seria de se esperar do lat. **codex**, **-icis**.

De **identicus**, latim escolástico, derivado do pronome **idem**, formou-se **identificar**.

A forma popular correspondente a **pacificar** é **apaziguar**. **Santiguar**, **amortiguar** e **averiguar**, por sua vez, seriam as correspondentes vulgares às formas eruditas **santificar**, **mortificar** e **verificar**, respectivamente. Houve metátese e vocalização da contínua **f** (**gu** em lugar de **vg**). A evolução fonética teria sido:

verificare > **verifigar** > **verifgar** > **verivgar** > **veriguar** (p. 338)

2.6. ALGUNS CASOS DE ETIMOLOGIA POPULAR

a) No Brasil, **caminhão**; em Portugal, **camião**. O étimo é o fr. **camion**, palavra de origem incerta. A etimologia popular agiu no sentido de relacionar a palavra opaca e convencional a algo que se lhe pren-

desse pelo sentido. Pela proximidade de significantes, ligou-se **camião** a **caminhar** e daí se tem **caminhão**, forma também usada na região do Minho (p. 112-113).

b) **Vagabundo** > **vagamundo** — a mudança se fez por pensarem os falantes em «vagar pelo mundo» (p. 113).

c) «Um galicismo muito engraçado que os soldados portugueses trouxeram de França: **João das armas** por **gendarme**» (p. 113).

d) **Camapé**, em vez de **canapé**; pela associação com **cama**. O étimo verdadeiro é o fr. **canapé**, do lat. pop. **canapeum** (lat. class. **conopeum**). **Camapé**, segundo Mário Barreto, foi usado «freqüentes vezes» por Camilo (p. 113).

e) **Necromancia** < **nekros**, 'morte' + **manteia**, 'adivinhação'. Esta é a forma legítima, correspondente ao verdadeiro étimo. No entanto, os «eruditos» julgam ver aí um parentesco com o latim **niger**, 'negro' e da falsa etimologia resultou **nigromancia**. Talvez seja essa a origem da expressão **magia negra** e, por oposição, **magia branca** (p. 114).

f) lat. **verucūm** > port. **ferrolho**, por analogia com **ferro** (p. 114).

3. CONCLUSÃO

Não se pode contestar a «erudição sedimentada de filólogo» de que é portador Mário Barreto. Na área da etimologia (como em outras áreas, que apenas lemos rapidamente, por não se tratar de interesse específico deste trabalho), pareceu-nos amplo e profundo seu conhecimento e segura sua argumentação.

Cabe também ressaltar sua inteligência e clareza de visão na defesa da reforma ortográfica de Gonçalves Viana, a qual aboliu complicações inúteis fundadas em falsas etimologias. Ainda no que diz respeito ao uso de neologismos e empréstimos, é esclarecida e «avançada» sua posição, revelando bom senso e discernimento: o neologismo é fator dinâmico e enriquecedor. O estrangeirismo que penetrou na língua e nela se fixou, atendendo a uma necessidade prática da comunicação, deve ser aceito sem restrições e aportuguesado inclusive na sua grafia. Não importa que a língua portuguesa possua outra palavra que possa substituir o empréstimo (evidentemente sem todas

as nuances de que é portadora a palavra estrangeira), ou que o «barbarismo» tenha sido mal formado em sua origem (como *kilômetro*), o critério de legitimação é o do uso, o da aceitação por parte dos falantes (ainda que só os «bons falantes»).

Aliás, a propósito, é bom determo-nos sobre as «excelências de vernaculista» de Mário Barreto e compreender o autor e a obra no seu momento histórico, inseridos em sua realidade temporal. A grande preocupação dos consulentes, a que corresponde Mário Barreto, fornecendo respostas a inteiro contento, dizia respeito, mais que à correção idiomática, à pureza vernacular. Sob esse prima, é realmente alta recomendação a garantia de Joaquim Ribeiro quanto à argúcia revelada pelo autor em «diferençar o bom do uso popular, o fato da linguagem literária do fato do linguajar do povo, o certo do errado, o solecismo da boa construção».

O «bom uso» literário é abonado pelos clássicos e Mário Barreto vai colher exemplos em Camões, Bernardes, Vieira, Garrett, Castilho, Herculano, Camilo. Até cancioneros medievais são lembrados, mas, dentre os escritores brasileiros, apenas encontramos citações de Machado de Assis. Ainda que não se possa pretender de Mário Barreto uma visão clara da variação lingüística, da incontestável existência de diferentes dialetos e registros e de sua perfeita equivalência do ponto de vista da eficácia da comunicação, não deixa de causar estranheza a ausência de seus conterrâneos e contemporâneos no rol dos tidos como «bons autores». O mesmo preconceito que leva a igualar «uso popular», «linguajar do povo» a «errado» e «solecismo», conduz à consideração de que apenas os portugueses, os donos da língua, estão aptos a dela se valerem com beleza, elegância, expressividade e «correção». Afinal de contas, *Através do Dicionário e da Gramática* foi publicado em 1927, cinco anos depois da Semana de Arte Moderna, e apenas um ano antes da primeira edição de *Macunaíma*.

Outro ponto a considerar é o gosto pela minúcia, o apreço pelas «informaçõezinhas», tão arraigado entre os leitores e de que se orgulha o autor. Esse é realmente o «espírito» do livro: o «purismo» gramatical, tomado não em termos amplos, tendo em vista a clareza e a eficácia da comunicação, mas, antes, relevando-se o detalhe, o pormenor. Polêmicas e discussões são travadas, páginas e páginas são escritas, argumentos e contra-argumentos são levantados, para resolver questões realmente de somenos importância.

Além disso, o próprio autor reconhece, a leitura do livro visa a «ministrar alguns conhecimentos, senão necessários, ao menos curiosos». É o «eruditismo», a chamada «cultura inútil», o apego à erudição pela erudição. Em vários artigos percebemos que a resposta vai muito além da pergunta do consulente, envereda por questões pelas quais não havia ele demonstrado interesse e nelas se alonga, o que nos parece uma demonstração gratuita do conhecimento e da cultura do autor. A maior parte das etimologias que o livro traz aparece assim, mais ou menos gratuitamente, nas divagações a propósito de problemas de outra natureza. Essa falta de objetividade, requisito que a sociedade contemporânea tanto preza, deve ser imputada, parece-nos mais justo, não a uma deficiência pessoal do estilo de Mário Barreto, mas ao gosto da época, afeita à verbosidade e ao eruditismo. Naquele tempo a vida era mais calma, dispunha-se de mais tempo...

Apesar das ressalvas feitas, que se prendem ao problema do distanciamento no tempo e, pois, à diferença de mentalidade e expectativa entre o princípio e o final deste conturbado século XX, a leitura de Mário Barreto é, sem dúvida alguma, proveitosa e enriquecedora, pela firmeza e profundidade de seus conhecimentos.

BIBLIOGRAFIA

- BARRETO, Mário. *Através do Dicionário e da Gramática*, 3ª edição, Rio, Organização Simões, 1954.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*, 6ª edição, Rio, Livraria Acadêmica, 1974.
- CÂMARA JR., J. Mattoso. *Dicionário de Filologia e Gramática*, 4ª edição, Rio, J. Ozon Editor, 1970.
- FARIA, Ernesto. *Dicionário Escolar Latino-Português*, 3ª edição, Rio, MEC — SNME, 1962.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda — *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, 1ª edição, 5ª impressão, Rio, Nova Fronteira, 1975.